CANIBALISMO HUMANO: ESTUDO DE CASO SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA E PSICOPATOLÓGICA

Monique Silva Barroco[1]

Luana Michele da Silva Vilas Bôas[2]

RESUMO

Este artigo objetiva abordar o canibalismo no campo da parafilia, também intitulada como perversão, para a psicanálise. Ou seja, o canibalismo como prazer sexual e não como forma de sobrevivência, episódios de psicose ou com aspecto cultural. Na parafilia, o sujeito apresenta excitação sexual, podendo ser em relação a objetos, pessoas ou situações que fogem do cenário da estimulação normativa, podendo causar, com isso, sofrimento ou graves problemas para si mesmo ou para as pessoas a ele associadas. A metodologia qualitativa empregada na construção do artigo se deu por meio de um estudo de caso, a partir de um caso verídico sobre o canibalismo, ocorrido na Alemanha, divulgado em livro intitulado - *CANNIBAL: The True Story Behind the Maneater of Rotenburg*.

Palavras-Chaves: Canibalismo; Parafilia; Perversão.

ABSTRACT

This paper aims to approach cannibalism in the field of parphilia, also called perversion, for psychoanalysis. That is, cannibalism as sexual pleasure and not as a form of survival, episodes of psychosis or with a cultural aspect. In paraphilia, the subject has sexual arousal, which may be in relation to objects, people or situations that are outside the normative stimulation scenario, which may cause suffering or serious problems for himself or for the people associated with him. The methodology used in the construction of the article was a case study, based on a true case about cannibalism, which occurred in Germany, published in a book entitlet - CANNIBAL: The True Story Behind the Maneater of Rotenburg.

Keywords: Cannibalism; paraphilia; Perversion.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de natureza qualitativa que, segundo Gerhardt e Silveira (2009), se preocupa com o aprofundamento da compreensão de algum fenômeno sem a inserção de uma representação numérica. O trabalho utilizou-se do método de estudo de caso, que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente

1Graduada em Psicologia pela FCSMA

2Doutora em Psicologia Social-UERJ, Psicóloga Clínica e Professora do ensino superior. luanavilasboas@yahoo.com.br

quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos; "enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em fontes de evidência, e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a análise dos dados" (YIN, 1993, p. 32-33).

O artigo, pretende explicar o canibalismo fora da ótica da sobrevivência ou de rituais, fazendo um estudo baseado em pesquisas bibliográficas acerca do canibalismo como prazer sexual, o qual se enquadra no campo da parafilia, com o desejo sádico envolvido no processo de comer a carne humana. O termo canibal é utilizado ao se referir à prática de comer sua própria espécie. O canibalismo pode estar inserido em diversos contextos, que vão de rituais, sobrevivência, até o parafílico, sendo este último abordado neste artigo, em razão de sua explicação numa perspectiva psicopatológica, somado a outras leituras compreensivas sobre o fenômeno estudado, tal como a psicanálise.

O termo parafilia surgiu a fim de qualificar o que anteriormente era denominado de "perversão sexual" ou "desvio sexual", onde as pessoas praticantes de tal atividade sexual possuem uma preferência desviante e única, algo que vai em total desencontro daquilo que a sociedade entende por normal (Abreu, 2005). Russo e Venâncio (2006) explicam que na parafilia, a prática sexual é substituída por outras expressões de caráter sexual, que para o indivíduo é o único meio de obter prazer e excitação, existindo comportamentos repetitivos que se transformam num padrão rígido, o que impossibilita outras variações sexuais.

John Money (1984), afirma que o sujeito parafílico apresenta excitação sexual, podendo ser em relação a objetos, pessoas ou situações que fogem do cenário da estimulação normativa, podendo causar com isso sofrimento ou graves problemas para o próprio ou para as pessoas a ele associadas.

> Parafilia é todo aquele comportamento sexual, que de alguma forma visa à excitação, erotismo e obtenção de prazer somente a partir de tal objeto, situação, lugar etc. e não pela cópula propriamente dita. Um comportamento nem sempre patológico, que também pode ser classificado como variações da sexualidade ou transtorno da preferência sexual, que se articula sob o estado de cunho obsessivo, incontrolável e impulsivo, onde o sujeito só obterá prazer de tal forma, e somente de tal forma que irá procurar o prazer desejado, ao qual, mediante os conflitos provenientes de tal aspecto rígido e seus problemas relacionais providos do mesmo poderá obter a partir daí um caráter de classificação como "transtorno (Lopes, 2017, pag. 3).

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A parafilia é um termo usado na psicopatologia, mais precisamente no DSM-V - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.ª edição, em psicanálise usamos o termo perversão. Como consta Freud (1915), a perversão é uma estrutura baseada na recusa da castração e com fixação na sexualidade infantil. A sexualidade da criança é necessariamente perversa por conta de seu funcionamento parcial, já que impõe outros objetivos que não o sexual genital. Entretanto, tais pulsações parciais podem persistir como tendências perversas também na fase adulta, a qual se tem como resultado da reaparição de um ou mais componentes da sexualidade infantil, ou seja, uma regressão a um estágio anterior da evolução libidinal onde o sujeito teria se fixado.

No campo psicanalítico, que deu o impulso inaugural na introdução do canibalismo foi a investigação clínica do desenvolvimento psicossexual e suas implicações psicopatológicas que mostraram a participação de dinamismos psíquicos inconscientes os quais estão relacionados à devoção, crueldade, agressividade, amor e ódio (Obaid, 2013).

De acordo com Leite (2010), a especificidade da perversão é determinar o objetivo de buscar a completude (gozo), no outro de forma a negar sua falta. Para Ceccarelli (2009), a perversão é uma imposição ao outro, pois tenta transformá-lo em objeto de gozo para si. A autora ainda complementa dizendo que esta é a forma que ele encontra para lidar com a falta e o perverso, não reconhecendo a causa significante do desejo, fará uma tentativa de passar por cima dessa Lei, como já havia feito com a castração, impondo sua própria, pois a lei do desejo do perverso não se fundamenta na lei do desejo do outro.

Segundo Carvalho (2008), o canibalismo como forma de sobrevivência é o único que a sociedade ocidental tolera. Diehl e Donnely (2007), diz que no mundo civilizado, a única razão que se torna aceitável para que ocorra o canibalismo é aquela relacionada à sobrevivência, ou seja, quando não existe outra saída. Mikita Brottman (2001) narra que durante a viajem em 1972, em que um time de Rugby amador do Uruguai partia em um avião em sentido a Santiago no Chile, o mal tempo fez com que o avião se chocasse com uma montanha nos Andes. Dentro desse avião havia quarenta e cinco pessoas, sendo elas do time, família, amigos e tripulação, mas apenas trinta e duas sobreviveram ao impacto. A bebida e a comida eram escassas e após se passar pouco mais de uma semana, começaram a comer os que já estavam mortos, mas alguns preferiram a morte a comer seus companheiros mortos. Após dez dias ouviram no rádio que as buscas haviam oficialmente sido encerradas, só foram resgatados mais de dois meses depois,

quando alguns deles decidiram sair em busca de ajuda e encontraram um povoado abaixo das montanhas andinas. Somente 16 sobreviveram. Anne Applebaum (2003), em seu livro sobre gulags soviéticos, que se tratava de campos de trabalho forçado da ex-União Soviética, se refere a relatos entre os anos 1930 e 1940, de prisioneiros que eram abandonados com suprimentos insuficientes, sem abrigo ou ferramentas na ilha de Nazino. Mais de seis mil prisioneiros foram abandonados, mas apenas pouco mais de mil sobreviveram, graças à carne dos companheiros mortos. Foram acusados de canibalismo e punidos mais uma vez. Naquele momento e naquelas circunstâncias eles eram vistos como criminosos, pois eram considerados inimigos. Só agora, sob novas perspectivas, que estes prisioneiros foram transformados como vítimas do canibalismo e da ditadura comunista. Conforme Carvalho (2008), essas pessoas que praticaram o canibalismo, com a condição de que eles já estavam mortos, depois de suprimir a necessidade de comer a carne dos demais, dificilmente farão isso de novo e isso lhes garante a posição de vítima. O canibal no lugar de vítima é tolerável, pois a vítima não tem vontade, é submetida a uma situação a qual ela não tem controle e qualquer elemento de desejo é anulado quando se é posto nessas condições. Entretanto, se por alguma razão estas pessoas novamente praticarem o canibalismo, em outro contexto, pois de certa forma despertou algum desejo, perdem imediatamente o posto de vítima e ganham o de loucas, anormais, criminosas e monstruosas.

3. A PARAFILIA

Para Abreu (2005), o intuito do surgimento do termo parafilia foi o de qualificar o conceito que anteriormente era denominado de “perversão sexual” ou “desvio sexual”, onde as pessoas que praticam este tipo de atividade sexual possuem uma preferência desviante e única, algo que vai contra o que a sociedade entende por normal. Na parafilia, a prática sexual, segundo Russo e Venâncio (2006), é substituída por outras expressões de caráter sexual, que para o indivíduo é o único meio de obter prazer e excitação, existindo comportamentos repetitivos que se transformam num padrão rígido, o que impossibilita outras variações sexuais. Os primeiros trabalhos científicos sobre a patologização da sexualidade, emergiram em meados de 1846. Quatro décadas depois foi divulgado, através de Krafft Ebing, com a publicação do livro “Psycopathia Sexualis”, a sexualidade relacionada com as perturbações mentais, ou seja, perversões (Russo, 2005). Mais tarde, John Money (1984), concluiu que o sujeito parafílico apresenta excitação sexual, podendo ser em relação a objetos, pessoas ou situações que fogem do cenário da estimulação normativa, podendo causar com isso sofrimento ou graves problemas

para o próprio ou para as pessoas a ele associadas. Atualmente utiliza-se o DSM-5 (Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - 5.ª edição) (2013) que já é o modelo mais atualizado e de acordo com o mesmo. Chamamos de parafilia a representação de um prazer sexual intenso, persistente em seu processo, onde não existe um foco de estimulação genital.

De acordo com Lopes (2017) Parafilia é todo aquele comportamento sexual que, de alguma forma, visa à excitação, erotismo e obtenção de prazer somente a partir de tal objeto, situação, lugar etc. e não pela cópula propriamente dita. Um comportamento nem sempre patológico, que também pode ser classificado como variações da sexualidade ou transtorno da preferência sexual, que se articula sob o estado de cunho obsessivo, incontrolável e impulsivo, onde "o sujeito só obterá prazer de tal forma, e somente dessa forma irá procurar o prazer desejado, ao qual, mediante os conflitos provenientes desse aspecto rígido e os problemas relacionais providos do mesmo, poderá obter, a partir daí, um caráter de classificação como transtorno" (Lopes, 2017, pag. 3).

Ainda de acordo com Lopes (2017), a maior parte das variâncias do desejo sexual apresentam muita rejeição perante a sociedade, fazendo deste modo que haja uma possibilidade de o sujeito entrar em conflito com ele mesmo por conta da repressão que o próprio indivíduo estabelece ao seu eu, entrando em negação com seu desejo pulsional, a fim de continuar sendo aceito na sociedade na qual está inserido e quando enfim cede aos desejos perversos, pode manifestar problemas sociais e relacionais, podendo também ir além, ao cometer delitos, pois dependendo da intensidade manifestada pela parafilia, como já relatado acima, pode colocar em perigo o próprio sujeito ou pessoas que se relacionam com o mesmo.

4. CANIBALISMO SOB O ENFOQUE DA PSICANÁLISE

O que deu o impulso inaugural na introdução do canibalismo no campo psicanalítico foi a investigação clínica do desenvolvimento psicossexual e suas implicações psicopatológicas que mostraram a participação de dinamismos psíquicos inconscientes os quais estão relacionados à devoção, crueldade, agressividade, amor e ódio (Obaid, 2013). Karl Abraham (1927) teve como fator que o levou a investigar a possível ligação entre canibalismo e oralidade o estudo das etapas do desenvolvimento libidinal e do tratamento da psicose maníaco-depressiva.

No ano de 1915, Abraham escreveu a Freud, com o objetivo de falar a respeito de suas descobertas sobre a melancolia e defender que se a base infantil da culpa vivenciada pelo

melancólico fosse considerada e sua particular identificação com o objeto de amor fosse reconhecida, seria possível concluir que na fase oral, a criança gostaria de incorporar um objeto de amor, em uma palavra: devorar. Na fase oral "canibalística" há um desejo inconsciente de amar o objeto amoroso devorando-o. Na etapa da atividade bucal de mordida, o objeto é incorporado e sofre a destruição. Basta olhar uma criança para avaliarmos como é intensa sua necessidade de morder e perceber como a necessidade de alimentar e a libido se acham misturadas. Esse é o estágio das pulsões canibais. Caso a criança sucumba aos encantos do objeto, ela sofre o risco ou mesmo se sente obrigada a destruí-lo. A partir deste ponto, reina a ambivalência na relação do eu com o objeto (Abraham, 1927).

Os desenvolvimentos freudianos voltados para o questionamento dos fundamentos da sexualidade humana, suas aplicações clínicas e seu alcance na interpretação de fenômenos que foram classificados como sociais ou culturais teve como uma de suas influências a oralidade canibalística, a identificação e incorporação do objeto descrito por Abraham. Tomando como partido essas teses, Freud (1901/1905), fez uma conceituação acerca de uma fase oral ou canibalesca precoce onde a atividade sexual ainda não se desvinculou da nutrição, nem os opostos foram diferenciados nela. O objeto de uma atividade é também o da outra; a meta sexual consiste na incorporação do objeto, paradigma do que mais tarde, como identificação, terá papel psíquico tão importante. Apesar de possuírem conotação alimentar, ser alimentado, comer, engolir, ingerir e consumir, tais palavras podem ser consideradas atos psíquicos, os quais desejos ambivalentes se relacionam com o amor e o ódio, a dor e o gozo, a vida e a morte, tornando-se as figuras prototípicas da angústia e, a angústia da castração, seu conceito paradigmático. As problematizações das relações entre a sexualidade e a alimentação sugerida pelas investigações de Freud e Abraham tomaram diferentes destinos nos desdobramentos psicanalíticos.

Segundo Freud (1905), o objeto perdido durante o trabalho de luto precisa ser acessado em cada uma de suas várias representações, dando-se durante esse tempo uma dedicação exclusiva ao luto, deixando outros propósitos e interesses de lado. A realidade mostra que o objeto já não existe mais, impondo que a libido investida no mesmo seja retirada e tal imposição resulta em uma forte oposição, pois uma posição libidinal em nenhum momento é abandonada de bom grado. O desinvestimento do objeto só pode ser feito aos poucos e com um grande consumo da energia psíquica. O sujeito vive um processo que pode ser considerado um

adoecimento, quando não é natural, pois durante o mesmo, grande parte da energia psíquica disponível fica de forma dedicada e exclusiva ao objeto perdido.

Para Melanie Klein (1996), no começo da vida todos nós possuímos impulsos destrutivos. Na teoria kleiniana, a expressão "sádico-oral" está relacionada ao prazer da sucção, que normalmente é sucedida pelo ato de morder. Se a criança não obtiver gratificação ao sugar, tentará morder para satisfazer-se. Ou seja, caso a criança não venha a obter gratificação ao sugar, a mesma tentará morder para se satisfazer. Ainda de acordo com Klein (1996), O seio é confundido com a imagem da mãe despertando assim de outro o ódio e a inveja da mãe quando a mesma guarda o seio e interrompendo a amamentação. Conforme o processo de amadurecimento psíquico, tais sentimentos vão se organizando, pois a criança os elabora e substitui pelo movimento de reparação e sublimação. Conforme na teoria de Klein (1996), o canibalismo com propriedades sexuais tem como base tal raiva e agressividade. O conflito vivido pela criança no processo de individuação gera uma característica sádico-perversa, no fato de se desprender do corpo da mãe que a criança a elegeria como uma mãe má. No canibalismo o ato de comer o corpo do outro seria um jeito de acabar com o mal ao mesmo tempo que atenua este conflito da separação.

5. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, a qual é realizada através de investigações de referenciais teóricos analisados, publicados em bases de dados cuja busca foi realizada com o auxílio dos seguintes descritores: canibalismo e humano, parafilia, psicanálise e perversão. Foi baseada na leitura de livros, no levantamento de artigos disponíveis na Internet, em bases de dados como Scielo, Biblioteca Pública Virtual, PUCPR, PEPSIC. Foi feito também, neste trabalho, um estudo de caso, como forma de compreender melhor o fenômeno pesquisado. A presente pesquisa possui natureza qualitativa, sendo ela de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), aquela que se preocupa com o aprofundamento da compreensão de algum fenômeno sem a inserção de uma representação numérica. Pesquisas de natureza qualitativa envolvem uma grande variedade de materiais empíricos, que podem ser estudos de caso, experiências pessoais, histórias de vida, relatos de introspecções, produções e artefatos culturais, interações, enfim, materiais que descrevam a rotina e os significados da vida humana em grupos (Denzin e Lincoln, 2000).

Para o trabalho, utilizou-se do método de estudo de caso que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos; "enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados e, como resultado, baseia-se em fontes de evidência, e beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a análise dos dados" (Yin, 1993, p. 32-33).

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudo de caso Armin Meiwes: O canibal

Armin teve uma infância muito solitária, não tinha amigos e vivia apenas com sua mãe após seu pai e seus dois meios irmãos irem morar longe dele. O convívio com a mãe era conturbado, pois era uma relação de "mestre" e "servo", no qual sua própria mãe o chamava de "*Minchen*" que quer dizer "servo" no antigo alemão. Desde os seis anos tinha só sua mãe como companhia, que após seu segundo casamento fracassado, sentindo sua família destruída, ela nunca mais sorriu e carregava uma expressão de desaprovamento. Ela sentia raiva de seus ex-maridos por terem falhado e a abandonado. Então passou seus dias intimidando seu pequeno filho, Armin (Jones, 2005).

Com dezoito anos, Armin escolheu se tornar militar, ele estava acostumado a obedecer às ordens e tornou-se um militar muito comprometido. Armin era reconhecido pela sua personalidade calma, pelos seus modos impecáveis e por seu jeito solitário que o deixou conhecido como alguém esquisito. Ele não tinha nenhum *hobbie* e não se juntava para jogar com os outros homens, ele sempre preferia sua própria companhia (Jones, 2005).

Armin, por toda sua vida, foi treinado por sua mãe a uma vida de disciplina e de recebimento de ordens, ela nunca o permitiu ter a experiência de estar em uma posição de liderança. Quando promovido a sargento, Armin tinha dez oficiais e funcionários civis trabalhando para ele, no entanto, falhou em exercer sua autoridade por não ter a firmeza necessária para ser um oficial superior e logo os que estavam mais abaixo na cadeia de comando estavam mandando nele (Jones, 2005).

Viganó La Rosa (1986), a partir de um estudo realizado com mexicanos de idades, sexo e ocupações distintas, demonstrou que quando há uma relação autoritária entre pais e filhos pode-se desenvolver nas crianças características indesejáveis como: submissão absoluta, dependência e incapacidade de decidir frente às diversas alternativas. Como complemento, de

acordo com Girardi (1988), o controle absoluto dos pais sobre as decisões dos filhos pode ter como consequência o desenvolver de um sentimento de impotência ou incapacidade nas crianças, pelo fato de não aprenderem a exercitar seu controle perante as distintas situações da vida cotidiana.

Para Casoy (2014), deve ser de extrema importância para os pais cuidar do emocional das crianças, para que tenham autoestima, inteligência, esperança, maleabilidade e capacidade de empatia, pois são aspectos essenciais para a construção de um caráter capaz de controlar seus impulsos, administrar sua raiva e resolver seus conflitos. A autora também ressalta que quando as crianças não possuem tais habilidades, elas não são capazes de estabelecer relacionamentos importantes. A dificuldade e até mesmo a inexistência nos relacionamentos familiares são características facilmente encontradas em assassinos em série.

O pequeno Meiwes ia de casa para escola e da escola para casa. Quando terminava a aula, ele tinha que dar adeus aos seus colegas, pois não podia ficar para brincar, deveria ir direto para casa ajudar sua mãe, a qual dava ordens para ele seguir, ele deveria cumprir com os afazeres da casa (Jones, 2005).

Algumas vezes acontecia de seus amigos da escola irem até sua casa para chamá-lo para brincar, mas sua mãe dizia a esses garotos que "*Minchen*" tinha sido desobediente e estava de castigo (Jones, 2005). Ele era uma criança tímida e que raramente brincou com seus colegas de classe. Se tornava facilmente motivo de risos entre os garotos, pois era visto como o excêntrico, o estranho e o filhinho da mamãe. Armin, simplesmente não se encaixava em meio a outros meninos da escola, as roupas que ele vestia eram constantemente motivos de piadas, pois sua mãe o obrigava a usar camisa branca com lederhosen. Estava no começo dos anos 70 e todos os garotos vestiam jeans (Jones, 2005).

Casoy (2014) traz que de acordo com o ex-agente da Unidade de apoio à Investigação do F.B.I. John E. Douglas, a maioria dos criminosos violentos vivenciaram humilhação pública na infância, sendo ela praticada pelos pais ou pelos colegas da escola. Eles sabem bem qual a sensação de passar por tal tortura.

Por se sentir muito sozinho, Armin criou um amigo imaginário, chamado Frank, ou Frankly ao qual ele contava todos os seus segredos e pensamentos. Ele o criou porque queria ter alguém com quem pudesse brincar, alguém que cuidasse dele, que lhe desse um abraço e não havia ninguém por perto que pudesse proporcionar isso a ele. Frankly era aquilo que o pequeno Armin gostaria de ser: um garoto legal da escola que todos gostavam (Jones, 2005).

A criação desse amigo pode ser utilizada como forma de auxílio para a criança lidar com suas habilidades ou com a falta delas, o mesmo por muitas vezes serve como bode expiatório. O mesmo pode ajudar a criança no manejo de dificuldades e limitações encontradas no dia a dia. Um exemplo é que o amigo imaginário pode fazer várias coisas que crianças não têm permissão para fazer, como comer doces ou dormir tarde (Klein, 1985).

Eles também podem ser facilitadores da comunicação, uma vez que é mais fácil para a criança falar de assuntos sobre seus sentimentos e sobre assuntos delicados por meio do amigo imaginário. Também há uma maior facilidade em se expressar através do sussurro com esse amigo do que diretamente a um adulto, pois é considerado um companheiro confiável, constante e compreensivo (Taylor, 1999).

Entre oito e doze anos, Armin desenvolveu fantasias e sentimentos, os quais ele sabia que somente seu amigo imaginário entenderia, sendo assim só compartilhava tais informações com o mesmo. Havia outros meninos e meninas que habitavam a imaginação de Armin, os quais poderiam ser comidos por ele. Durante longas noites sua mente ia para um mundo onde ele poderia matar, cortar em pedaços e devorar alguém. Para suas refeições, as escolhas eram seus colegas de classe (Jones, 2005).

Armin disse a Franky que Sandy ou os garotos da escola nunca iriam deixá-lo se ele os comesse e, complementa dizendo que poderia ter alguém que estaria sempre com ele e que se sentiria salvo e seguro e não ficaria sozinho mais. Franky simplesmente concordou que seria uma coisa boa a se fazer (Jones, 2005).

O pequeno aproveitava todas as chances que tinha para assistir aos filmes de terror que ele encontrava, prestando atenção em cada cena contendo corpos despedaçados e órgãos em exposição. Assim, era seu mundo interno, onde ninguém poderia interferir ou dizer a ele o que fazer. Quando atingiu a puberdade, aos doze anos, a ideia de comer outro rapaz começou a excitá-lo sexualmente. As fantasias de Armin começaram a tomar um rumo cada vez mais perverso, se excitando com a ideia de peitos abertos, corações, fígados e pulmões arrancados e os comendo, enquanto ainda estão quentes. Os pensamentos canibais simplesmente faziam com que ele se sentisse bem. Armin passava a madrugada em claro, navegando em páginas sadomasoquistas na internet, ele queria procurar cada vez mais por cenas violentas antes de ir dormir. Ele se sentia fortemente atraído por tais imagens pornográficas (JONES, 2005).

Ele costumava colecionar fotos de acidentes e partes cortadas do corpo das vítimas em uma pasta nomeada de "*Fleisch*" (Carne em alemão), Ele salvava imagens de tortura e sempre

tinha um vídeo cassete no reprodutor de vídeo para caso passasse algum acidente com sangue no jornal e ter a oportunidade de gravar as imagens dos corpos. Costumava gravar também filmagens de autópsias na TV e desenvolveu contato no mundo de vídeos onde pessoas são mortas em frente às câmeras (Jones, 2005).

Durante os cinco anos após a morte de sua mãe, Armin salvou milhares de imagens pornográficas, as quais eram repletas de atos violentos, de tortura e canibalismo. Ao explorar o lado sombrio da internet, ele comprovou que não havia nada no mundo que não pudesse fazer parte da excitação sexual, havia necrófilos, sadistas e masoquista lá, e ele também percebeu que podia entrar em contato com todo esse "mundo", anonimamente (Jones, 2005).

Havia milhares de sites voltados para o canibalismo para ajudá-lo a aliviar seu sentimento de solidão, quanto mais ele lia sobre canibalismo mais ele integrava o mesmo em suas fantasias. De acordo com Carvalho (2014), a internet, em um primeiro momento, pode ser utilizada de certa forma como meio seguro para expressar desejos e pensamentos menos convencionais e unir pessoas que compartilham desses desejos e pensamentos similares, tornando-se assim um lugar propício para realizar ou viabilizar fantasias consideradas desviantes ou até mesmo proibidas. Se torna cada vez mais comum fazer contatos profissionais e amorosos. Desta forma, o meio virtual foi caracterizado por alguns que, de um lado é um campo de possíveis liberdades e propício a perigos, campo de manifestações públicas e de conjunção de grupos ou indivíduos tidos como subversivos.

> Crença do anonimato na rede virtual libera os seus usuários a exporem suas fantasias mais secretas. Possibilita a estes viver, virtualmente, uma vida que não se consegue, não se pode ou não se quer viver concretamente. Os sites de relacionamento, desde fóruns de discussão até, recentemente, as redes sociais, necessitam apenas que se depositem as informações pessoais, que ficarão disponíveis para serem vistas, agregadas, espiadas, selecionadas, consultadas, 24hs por dia, de maneira mais ou menos restrita (de acordo com os desejos de seus usuários), mas que, a qualquer momento, cada vez mais, podem ser rastreadas e disponibilizadas para órgãos específicos em nome da segurança (Carvalho, 2014, pág. 4).

Ele utilizou o nome Franky como pseudônimo virtual, que era o mesmo nome de seu amigo imaginário, tornando-se assim um membro ativo na internet. Ele escreveu uma breve história intitulada "*Der Strichjunge*" (O menino do aluguel) e publicou *online*. Tal conto era uma descrição detalhada do assassinato de uma prostituta e foi uma progressão dos "contos de fadas" violentos que Armin criou quando criança. O conto falava basicamente sobre uma prostituta que implorou para que o rapaz do aluguel a comesse, pois ela gostaria de morrer desta forma. Armin também escreveu que o garoto do aluguel tinha um "peito masculino lindo" e

"delicioso, firme e suculento". Também foram descritos por ele "grandes jatos quentes de sangue", vindos do peito da prostituta, enquanto o protagonista de sua história a esfaqueava (Jones, 2005).

Para além dos aspectos macabros, podemos encontrar em tal conto uma forma de sublimação. De acordo com Freud, as atividades sublimatórias se constituem pela atividade artística, pela prática de esportes e pela pesquisa intelectual. Em seu artigo *Psicanálise, uma leitura de Eros e Civilização*, Joel Birman (1998), ao abordar a imaginação, a fantasia e o sublime, afirma que o erotismo não é contrário à sublimação e que o desejo faz parte das invenções humanas.

Após a publicação, Armin se sentiu orgulhoso e estava se tornando mais ousado cada vez que seu apetite por canibalismo crescia. Sendo assim, ele decidiu se registrar em um grupo canibal online à procura de alguém para comer e começou a se envolver em conversas sexuais com canibais na internet (Jones, 2005).

Nesses grupos, Armin se deparou com o fato de que existem outras pessoas no mundo que dizem querer consumir carne humana ou serem consumidas. Há milhares de pessoas com tendências canibais no mundo. Armin conversou com pessoas que queriam ser abatidas. Pela primeira vez na vida ele se juntou a pessoas que se assimilavam a ele, encontrou um lugar onde ele não estava sozinho (Jones, 2005).

Encorajado pelas publicações que estava lendo, Armin tomou a decisão de fazer sua própria publicidade. Ele chegou a publicar sessenta anúncios nas colunas pessoais dos fóruns canibais usando seu pseudônimo Frankly e seu e-mail. Os títulos eram "Procuro por um rapaz jovem" ou "Procuro por um rapaz para abate". A publicação se mostrou bem-sucedida, já que obteve muitas respostas, ao todo foram 204 pessoas que se ofereceram e, ao ver que seu sonho estava prestes a se tornar real, tomou a decisão de construir um quarto para o abate, pois ele queria garantir que teria o ambiente e os instrumentos certos para quando finalmente realizasse seu sonho que já estava bem próximo de acontecer (Jones, 2005).

Entre tantas pessoas que responderam ao anúncio, somente um homem correspondia às suas expectativas, mesmo que de forma parcial. Apesar da idade, o engenheiro Bernd Jürgen Brandes, de Berlin, com então 42 anos, se ofereceu ao abate e os dois marcaram um encontro na casa de Meiwes em Rotenburg. No dia do abate, Armin vivenciou a melhor sensação do mundo para ele. Todo o ato foi filmado e as fitas foram mantidas pelo canibal para que pudesse vivenciar este momento várias e várias vezes (Jones, 2005).

Para o criminoso parafílico, reencenar o crime é como se fosse um exercício mental depois de tê-lo cometido, e para conseguir fazê-lo, cada um deles se utiliza de diferentes métodos. Alguns ficam com lembranças de suas vítimas como roupas e sapatos. Outros preferem filmar seus crimes com o objetivo de assisti-los várias vezes e também tem aqueles que matam sempre no mesmo local, unindo em sua mente o momento passado com o atual (Casoy, 2014).

Desde o primeiro contato até a concretização da fantasia, tudo foi realizado com consentimento de ambos, inclusive com um registro em vídeo que confirmava o consentimento. No ano seguinte, em 2002, Meiwes voltou a procurar por novos voluntários, mas foi denunciado por um estudante universitário em Innsbruck, na Áustria (Jones, 2005).

Ao que tudo indica, caso Meiwes não tivesse sido entregue às autoridades, ele teria elementos para se transformar num assassino em série, pois depois de matar Brandes, o canibal alemão continuou sua procura por mais vítimas na internet e encontrou cinco outros homens que responderam ao seu anúncio, de modo consensual. Armin estava cada vez mais motivado a ir além, depois de ter dado seu primeiro passo com Bernd, sua coragem foi aumentando cada vez mais.

Para pessoas comuns, a fantasia é temporária, existe uma compreensão de que aquilo é apenas fantasia e pode ser usada como fuga ou entretenimento. Para os perversos, a fantasia é compulsiva e complexa e tende a se transformar no centro de seu comportamento, ao invés de uma simples distração mental. A fantasia do criminoso é planejada e, por fim, executada por ele na vida real. A vítima está ali como elemento que reforça a fantasia (Casoy, 2014).

De acordo com informações da BBC, a defesa de Armin tentou mostrar que Armin é um homem diferente de seu crime. Porém a acusação alegou que ele era sim um sujeito, perigoso e dissimulado. Em relação aos criminosos tidos como psicopatas, Rhodes (2004) diz que nenhum comportamento bom, vindo deles é genuíno e completa usando como exemplo um outro caso, afirmando que o que torna esses sujeitos perigosos é a capacidade de imitar as exigências de seu ambiente, ao mesmo tempo que escondem uma vontade patológica.

Para parecer uma pessoa dita normal e misturar-se com outras pessoas, é capaz de desenvolver uma personalidade completamente diferente do seu comportamento violento e criminoso. Sua máscara social é tão perfeita que as pessoas podem chegar ao ponto de confiar nele e em seu comportamento, sem entender como aquela pessoa tão educada e solícita, calma e comportada, possa ter cometido crime tão violento. São em geral ótimos atores e possuem

uma aparência absolutamente normal. Tal dissociação não é fora do normal, se levarmos em conta que todos nós, de certa, forma controlamos mais nosso comportamento social, diferenciando daquele que temos com nossos familiares mais íntimos (Casoy, 2014).

Para a família que morava bem ao lado, Armin era um ótimo vizinho. Os ajudava desde cortar a grama até consertar o carro e ainda os convidava para jantar. Outros da pequena cidade alemã de Rotenburg, também acreditavam que não havia nada de estranho com ele (Jones, 2005). Porém, para a surpresa de todos, Meiwes compareceu ao tribunal com a acusação de ter matado, fritado e comido outro homem. O canibal admitiu que conheceu um engenheiro de 43 anos, Bernd Brandes, após publicar seu anúncio na internet. De acordo com ele, era algo que queria fazer há muito tempo. Afirmou ao tribunal no primeiro dia de seu julgamento, por assassinato, que sempre teve a fantasia e no final a cumpriu (Jones, 2005).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o canibalismo como uma variante da parafilia/perversão, podemos observar que são praticamente escassos os estudos voltados para este tema, o que torna difícil a elaboração de um trabalho acerca do mesmo, mas a partir dos estudos sobre sadismo e oralidade canibalesca da psicanálise, sobre perversão, entre outros, podemos entender melhor do que se trata, pois como podemos ver, o canibalismo movido pelo impulso sexual, especialmente no estudo de caso abordado aqui, tem traços sádicos. Uma interpretação usando os estudos específicos, referenciados na elaboração do estudo de caso, sobre a importância de determinados momentos da infância e da relação mãe-bebê, sua infância sem amigos e as humilhações e privações que recebia de sua mãe, também podem servir como auxílio para a compreensão dos mecanismos adjacentes que podem contribuir para o desencadeamento futuro de uma parafilia, que se torna um desejo tão forte ao ponto de se materializar no acometimento de um crime.

Apesar do aspecto macabro relacionado ao tema do estudo de caso apresentado por meio deste artigo, faz-se importante considerar os estudos sobre canibalismo enquanto parafilia, pois como visto, existem pessoas que possuem desejos canibais em sociedade. Em razão dessa especificidade, lidar com esse tema requer aperfeiçoamento e conhecimentos teóricos aprofundados, relacionados às parafilias sexuais e o seu processo de construção. Na intenção de apontar caminhos alternativos, por meio da Psicologia, seja enquanto ciência, sugere-se a

produção de novos estudos que possam favorecer uma prática interventiva diante de casos considerados graves, como o aqui apresentado.

REFERÊNCIAS

ABREU, I.P. **Delitos sexuais**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Psicologia, Universidade Lusíada do Porto, Portugal, 2005. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0042.pdf

ABRAHAM, K. ***A short study of the development of the libido, viewed in the light of mental disorders.*** In Selected Papers. London: Hogarth Press. 1927.

BIRMAN, J. **psicanálise: uma leitura de Eros e civilização**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, 1998.

CARVALHO, E, K. **Canibalismo e normatização. Mestrado em Ciências Sociais**. Pontifica Universidade Catolica de São Paulo. 2014.

CASOY, I. SERIAL KILLER: **Louco ou Cruel?**. Ed. Português. DarkSide Books. 2014.

CECCARELLI, P. R. **Perversão sexual e ética psicanalítica**. In: Rev. Latinoam. Psicopat. Fund. São Paulo, v.12, n.2, p.316-328, jun./2009.

FREUD, S. **(1914-1916) introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos.** São Paulo. Companhia das Letras.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIRARDI, C. **Um Modelo de Incapacidade Aprendida para Adolescentes mexicanos**. Tese de Doutorado, México, Universid Nacional Autónoma de México, 1988.

JONES, L. **CANNIBAL: The True Story Behind the Maneater of Roternburg**. New York. Berkley. 2005

KLEIN, B. R. (1985). **A childs imaginary companion: a transitional self. Human Sciences Press**, 13(3), 272-282

LEITE, M. P. S. **Psicanálise Lacaniana: cinco seminários para analistas kleinianos**. São Paulo: Iluminuras, 2010.

LOPES, Y, J. **As parafilias e os transtornos parafilicos, uma perspectiva das variações sexuais normais e patológicas**. Psicologia PT: o portal dos psicólogos. 2017.

MONEY, J. (1984). **Paraphilias: Phenomenology and Classification. American Journal of Psychoterapy**, 38, p.164-178.

OBAID, F. P. ***Las pulsaciones canibalísticas de la oralidade***. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 16(4), 541-554, dez. 2013.

RUSSO, J., & VENÂNCIO, A. T. A. (2006). **Classificando as pessoas e suas perturbações: a revolução terminológica do DSM III**. Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental, 9 (3), pp.460-483.

TAYLOR, M. (1999). ***Imaginary companions and the children who create them***. New York: Oxford University Press.

VIGANO LA ROSA, D.L. **Autoritarismo e Intolerância à ambiguidade na cultura mexicana**. Tese de Mestrado. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1986

YIN, Robert K. ***Applications of case study research***. Thousand Oaks, California: Sage Publications. 1993.